

O Batismo “Em Nome de Jesus” no Livro de Atos: Uma Reflexão Bíblico-Teológica

Alderí Souza de Matos*

Considerações Preliminares

Ocorre uma situação paradoxal com respeito à ordenança cristã do batismo. Por um lado, ela se refere a algo que é extremamente importante para todos os cristãos – a obra redentora e reconciliadora de Cristo e a resposta dos crentes à mesma. Como tal, o batismo aponta para uma identificação pessoal e visível com Cristo, a iniciação na vida cristã e a admissão na igreja, o corpo de Cristo. O batismo, portanto, fala de um Cristo, uma salvação, uma igreja e devia ser um instrumento de comunhão e identificação entre todos os que crêem. De outro lado, todavia, esse sacramento ironicamente tem sido mais um pomo de discórdia entre as diferentes confissões cristãs. Ao invés de ser uma expressão de identificação mútua, o batismo tem sido um motivo de constante divergência e suspeita. Ao longo dos séculos, os cristãos têm divergido quanto ao modo de ministração do batismo, a quem deve ser aplicado, seu significado essencial e seus efeitos nas pessoas batizadas. Uma área adicional de divergência é a que se refere à fórmula batismal, as palavras litúrgicas pronunciadas no próprio momento da ministração do sacramento.

O problema surge no próprio Novo Testamento, onde encontramos diferentes tradições acerca da fórmula batismal. Uma dessas tradições é preservada no primeiro evangelho, com sua fórmula mais longa proferida pelo próprio Jesus: “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28.19b). A outra tradição é apresentada explicitamente apenas em Atos, com suas referências ao batismo “em nome de Jesus Cristo” (2.38; 10.48) ou “em o nome do Senhor Jesus” (8.16; 19.5). Está plenamente atestado que desde o segundo século (Justino Mártir e *A Didaguê*) a fórmula mais extensa tem sido aceita e utilizada pela grande maioria das igrejas.¹ Contudo, a fórmula mais breve não tem ficado sem os seus defensores.

Existe uma denominação pentecostal cujo ensino distintivo é o “batismo em nome de Jesus” em contraste com o batismo em nome da trindade. Se esse ensino fosse simplesmente uma tentativa de resgatar a antiga fórmula encontrada em Atos, com o reconhecimento de que ela não é senão uma entre outras fórmulas, não haveria motivo para opor objeção a essa igreja. O problema está no fato de que essa denominação é bastante obstinada em sua defesa da fórmula mais breve como a única fórmula litúrgica batismal legítima e apropriada, todas as outras igrejas estando em erro nessa questão.

Essas variações, tanto na evidência bíblica quanto na prática eclesiástica contemporânea, suscitaram a presente investigação sobre o conceito do batismo em nome de Jesus no livro de Atos dos Apóstolos. O tema levanta uma série de questões interessantes: Por que afinal essa fórmula é utilizada em Atos? Por que ela aparece explicitamente apenas em Atos e não nos evangelhos ou nas epístolas? Por que mesmo em Atos a fórmula se encontra em apenas quatro passagens quando existem muitas outras referências ao batismo nesse livro? Qual é o sentido da fórmula: ela é somente descritiva (o que o batismo é) ou também litúrgica (as palavras ditas na cerimônia batismal)?

A tese deste estudo é que a fórmula reflete a prática das antigas comunidades cristãs, antes da época em que o uso da fórmula mais longa tornou-se generalizado. A fórmula era extremamente significativa para a igreja primitiva porque sintetizava o que acontecia quando alguém se tornava um cristão, quando um indivíduo se identificava visivelmente com Jesus Cristo e a sua comunidade. O seu uso em Atos indica uma época em que as práticas e fórmulas mostravam a marca da diversidade. Aparentemente o autor emprega a expressão apenas em alguns lugares do livro porque são precisamente as passagens mais importantes em que o batismo com água é mencionado. Para situar o tópico em seu contexto, serão feitas algumas observações introdutórias sobre o livro de Atos e o seu ensino acerca do batismo, bem como a análise de algumas passagens relevantes.

I. O Livro de Atos

A autoria comum do terceiro evangelho e de Atos dos Apóstolos foi afirmada de um modo geral pela tradição da igreja antiga e é aceita pela maior parte dos estudiosos contemporâneos. As próprias palavras introdutórias dos dois livros estabelecem essa conexão (Lc 1.1-4; At 1.1-5). A antiga tradição identifica o autor como Lucas, o médico – um amigo e companheiro do apóstolo Paulo (Cl 4.14; 2 Tm 4.11; Fm 24). A data da composição do livro é mais controversa. Enquanto alguns autores entendem que foi escrito por volta do ano 70 ou 80 AD,² outros simplesmente acreditam que foi produzido no final do primeiro século.³ Como os próprios eventos ocorreram aproximadamente entre 30 AD (Pentecostes) e 56-58 AD (chegada de Paulo a Roma), é plausível que a composição tenha ocorrido no final da década de 60, ou seja, cerca de quatro décadas após os primeiros acontecimentos narrados no livro.

Mais importante para os propósitos deste estudo é a ocasião de Atos dos Apóstolos e os seus interesses teológicos. Embora nenhuma situação, necessidade ou problema específico tenha sido claramente identificado como a ocasião do livro, é evidente que Lucas tinha em mente alguns propósitos definidos quando o escreveu. O objetivo primordial de Lucas-Atos é oferecer informações sobre os primórdios do cristianismo tanto no ministério de Jesus quanto na obra dos seus seguidores após a sua morte e ressurreição. Mais especificamente, Lucas quer demonstrar como a agenda proposta pelo próprio Jesus (At 1.8; Lc 24.46-49) foi cumprida pelas primeiras gerações de cristãos, no poder do Espírito Santo. O tema de Atos 1.8 determina o curso da narrativa: primeiro o evangelho é difundido em Jerusalém e na Palestina (caps. 1-12); então, é proclamado em todo o mundo helenístico, até alcançar a capital do império (caps. 13-28). Em outras palavras, Lucas quer relatar a extraordinária expansão da nova fé e mostrar como “aquela religião que surgiu em um pequeno canto da Palestina havia em pouco mais de trinta anos chegado a Roma.”⁴ Essa ênfase na difusão do evangelho e no conseqüente crescimento da igreja pode ser vista nos breves sumários repetidos em diferentes pontos da narrativa (6.7; 9.31; 12.24; 16.5; 19.20).

Gordon Fee chama a atenção para “o interesse de Lucas por esse movimento do evangelho, orquestrado pelo Espírito Santo, desde os seus primórdios centrados em Jerusalém e orientados para o judaísmo, até tornar-se um fenômeno mundial e predominantemente gentílico.”⁵ Lucas rejeitou a expectativa do iminente fim do mundo. Ele viu a história da salvação como uma grande unidade que terminava na *parousia*. O tempo ainda não estava amadurecido. Primeiramente a Palavra precisava ser divulgada amplamente, até aos confins da terra (1.8; 13.47).⁶

Lucas pode ter tido outros propósitos em mente. Algumas sugestões incluem refutar acusações feitas contra o cristianismo⁷ e recomendar o cristianismo às autoridades

romanas.⁸ Todavia, é certo que o principal interesse de Lucas concentra-se na salvação oferecida em Jesus Cristo a toda a humanidade, a resposta pessoal a essa mensagem e as conseqüências dessa aceitação. Esse será o principal contexto para as muitas alusões ao batismo feitas em Atos.

As principais ênfases teológicas de Lucas encontram-se nas áreas da cristologia, soteriologia, pneumatologia e eclesiologia. A mensagem que os discípulos devem proclamar desde Jerusalém até os confins da terra concentra-se “no fato de que Jesus, que foi ressuscitado dentre os mortos por Deus, após ter sido morto pelos judeus, havia sido declarado como o Messias judeu e o Senhor, e assim como a fonte da salvação.”⁹ Curiosamente, todavia, a maneira como Jesus funciona como Salvador não é explicitada (4.12; 5.31; 13.23; 15.11; 16.31). À exceção de Atos 20.28, não se estabelece uma conexão estreita entre a sua morte e a redenção. Antes, é a ressurreição e exaltação de Jesus que ocupa o centro da pregação de Atos (2.22-36; 3.15,26; 4.2,10,33; 5.30-31; 10.37-43; 13.23,28-39; etc.). As bênçãos associadas com a salvação são o perdão dos pecados e o dom do Espírito. O Espírito Santo atua poderosamente em todos os estágios desse processo de proclamação e resposta. Ele reveste e dinamiza as testemunhas, dirige a igreja e a sua missão, e habita nos novos crentes. A resposta que se espera dos que ouvem a mensagem é composta de arrependimento, fé e batismo. Através do batismo, os novos crentes se comprometem com Jesus Cristo e são formalmente unidos à comunidade cristã, que é composta de judeus e gentios.

Quanto à igreja, duas coisas ficam claras. De um lado, Lucas quer oferecer um retrato da vida e do culto da igreja primitiva como um padrão que servirá para orientar a sua própria comunidade.¹⁰ De outro lado, ele não tem interesse em uniformizar todas as coisas. Quando Lucas registra conversões individuais, geralmente dois elementos são incluídos: o batismo com água e o dom do Espírito. Mas esses elementos podem aparecer na ordem inversa, com ou sem a imposição de mãos, com ou sem a menção de línguas e raramente contêm uma referência específica ao arrependimento. Gordon Fee conclui que “tal diversidade provavelmente significa que nenhum exemplo específico está sendo apresentado como a experiência cristã ou a vida eclesial modelar.”¹¹

Lucas certamente quer instruir a sua comunidade e mostrar como ela pode estar numa relação de continuidade com a fé dos primeiros seguidores de Jesus Cristo. Ele quer colocar um exemplo diante dos seus irmãos, não nos detalhes, mas no quadro mais amplo – um exemplo de união e amor mútuo, de compromisso com o Senhor e dependência dele, de dedicação e coragem em proclamar as boas novas em meio a sofrimentos e oposição.

II. O Batismo em Atos dos Apóstolos

À luz das considerações anteriores, é fácil compreender porque o batismo é um conceito tão essencial no livro de Atos. Antes de abordar a fórmula do “batismo em nome de Jesus,” é oportuno apresentar uma breve síntese das referências batismais existentes no livro. O termo técnico *baptizo* é aplicado dezoito vezes ao batismo cristão e três vezes ao batismo de João (1.5; 11.16; 19.4); o substantivo *baptisma* é usado seis vezes em relação ao batismo de João (1.22; 10.37; 13.24; 18.25; 19.3-4). O verbo é aplicado duas vezes ao batismo com o Espírito Santo (1.5; 11.16). Todas as outras referências estão associadas com o batismo de indivíduos e grupos: os convertidos no dia de Pentecostes (2.38,41), os samaritanos e Simão (8.12-13,16), Saulo (9.18; 22.16), o eunuco (8.36,38), as famílias de Cornélio, Lídia e do carcereiro (10.47-48; 16.15,33), os coríntios e os discípulos de Éfeso (18.8; 19.3,5). Nenhum outro livro do Novo Testamento contém

maior número de referências explícitas ao batismo, o que não surpreende dada a ênfase de Atos à proclamação do evangelho e suas conseqüências: conversão e admissão à igreja.

Lucas pressupõe tanto a observância antiga quanto a universalidade do batismo com água: tem sido praticado desde o início da igreja e aplicado a todos os que respondem com fé ao evangelho. Era a maneira reconhecida e normal pela qual um convertido ingressava na primitiva comunidade cristã. É óbvio que Paulo também considerava o batismo como o método usual de admissão à igreja (Rm 6.1-4; 1 Co 6.11; 12.13; etc.).

Todavia, parece ter havido exceções a essa regra: não há qualquer menção ao batismo dos 120 crentes originais (1.13-15) ou de Apolo (18.24-28). Os homens de Éfeso (19.1-7) parecem estar na mesma categoria. Eles são chamados de "discípulos," embora tivessem recebido somente o batismo de João. Só posteriormente receberam o batismo cristão. Eles e Apolo serão abordados mais adiante.

Quanto aos 120, o argumento do silêncio é inconclusivo. Beasley-Murray admite que quando o Espírito os encheu no Pentecostes eles não haviam recebido o batismo cristão. Isso pode ser explicado pelo fato de que "na missão da igreja ao mundo nenhum grupo pode ser comparado com o grupo de testemunhas da ressurreição... A sua relação com Cristo era singular e a sua experiência do Espírito era singular."¹² Muitos dos crentes originais provavelmente haviam recebido o batismo de João; alguns deles haviam sido discípulos do Batista (Jo 1.35-42). Além disso, Lucas já havia mencionado a promessa de Jesus de que, em contraste com o batismo em água ministrado por João, eles seriam batizados com o Espírito Santo (At 1.5; ver 11.16 e Lc 3.16). Assim, a singularidade da sua experiência pode ter tornado desnecessário o batismo com água.

Afora essas poucas exceções, o batismo é tratado como o rito normativo de iniciação na igreja. Uma vez que Lucas está interessado em contar como as testemunhas de Jesus avançaram passo a passo desde Jerusalém até os confins da terra, sempre que a sua missão entra em uma fase nova e decisiva o batismo é mencionado como um passo natural em conexão com a aceitação do evangelho.¹³ Assim sendo, o batismo é mencionado em vários marcos da narrativa: Pentecostes, Samaria, o etíope, Saulo, Cornélio, Lídia e o carcereiro, Corinto e os "discípulos" de Éfeso.

Geralmente o batismo com água é imediatamente precedido pela proclamação do evangelho, o caso de Saulo tendo sido uma exceção (9.9,18-19). A resposta normal daqueles que serão batizados é "ouvir" a palavra ou "crer" (2.37,41; 8.12-13; 16.14b,30; 18.8; 19.5). O arrependimento é mencionado apenas uma vez em conexão com o batismo cristão (2.38); é mais freqüentemente associado com o batismo de João (13.24; 19.4).

O batismo daqueles que crêem ou recebem a mensagem normalmente é seguido pelo dom do Espírito Santo (2.38; 8.15-17; 19.6). Em alguns casos, o dom do Espírito precede o batismo (9.17; 10.44-45).¹⁴ Ocasionalmente, o batismo e a imposição de mãos são instrumentais para a concessão do Espírito (8.17; 9.17; 19.6), embora a imposição de mãos também seja praticada em outras conexões, tais como comissionamento e cura (6.6; 13.3; 28.8). Em algumas situações, a recepção do Espírito é seguida pelo falar em línguas, com ou sem o batismo em água (2.4; 10.45-46; 19.6). Outra conseqüência do batismo é o perdão dos pecados (2.38; 22.16).

Silva New observa que "a fé em Jesus (ou em seu nome), o batismo, a remissão dos

pecados, a imposição das mãos dos apóstolos e a recepção do Espírito parecem ter formado um único complexo de idéias associadas, cada uma das quais poderia em uma mesma narrativa ser omitida ou enfatizada."¹⁵ Lucas parece aceitar como fato que o batismo sempre é precedido por alguma expressão verbal de fé em Jesus e está sempre relacionado com o dom do Espírito Santo. Essas realidades são sempre pressupostas, mesmo quando não são mencionadas na narrativa.

Quanto às diferentes conexões que existem entre o batismo e a dádiva do Espírito, Beasley-Murray traz uma importante palavra de cautela: "Atos dos Apóstolos mostra que todas as afirmações acerca da ação de Deus no batismo devem abrir espaço para a liberdade divina em conceder a salvação e o Espírito."¹⁶ Os complexos fenômenos referentes ao batismo e ao Espírito nas histórias dos crentes samaritanos, de Cornélio e dos discípulos de Éfeso "ilustram que a vida é mais complexa que as formulações da doutrina e que Deus é capaz de atender a cada variação da norma."¹⁷

Portanto, para Lucas o batismo tem conotações soteriológicas, pneumatológicas, eclesiológicas e éticas fundamentais. Soteriologicamente, ele torna presente para o crente o perdão e a aceitação oferecidos em Cristo; a água batismal dramatiza a lavagem dos pecados (22.16). Pneumatologicamente, ele é não somente um instrumento para a concessão do Espírito, mas torna o próprio Cristo uma realidade viva e poderosa na experiência dos discípulos. Eclesiológicamente, o batismo não visa expressar um relacionamento puramente privado com Cristo, mas também inclui a idéia de filiação à comunidade da fé e participação responsável na mesma. Eticamente, o batismo não é um fim em si mesmo, mas requer uma vida e conduta em consonância com o novo relacionamento com Cristo e com os irmãos. Em Atos, o batismo quase invariavelmente é seguido de descrições de fraternidade cristã (2.42), hospitalidade (10.48b; 16.15b,34a) e regozijo (8.8,39; 16.34b).

Acima de tudo, o batismo tem uma base cristológica que confere significado e coerência a todas as outras dimensões mencionadas acima. Jesus é o Messias prometido, o poderoso e generoso Soberano, o Senhor. Aquele que se arrepende e crê é recebido por ele e graciosamente perdoado. Da sua posição exaltada à destra de Deus, Jesus envia o Espírito, que atua na pregação do evangelho e na dádiva de dons espirituais. Os crentes se associam uns aos outros devido à sua experiência comum de Cristo e fidelidade a ele. Eles expressam o seu novo compromisso e sua nova identidade através de uma vida de mútuo amor e serviço, segundo o exemplo de Jesus. Essa forte ênfase cristológica de Atos torna-se o contexto do conceito do batismo "em nome de Jesus" e este, por sua vez, expressa a verdadeira natureza do primitivo batismo cristão.

III. O Batismo em Nome de Jesus

É relativamente certo que na igreja primitiva o batismo era sempre ministrado "em nome de Jesus" ou uma fórmula semelhante. Em Atos, Lucas preserva duas versões da fórmula original: "em (*en, epi*) nome de Jesus Cristo" (2.38; 10.48) e "em (*eis*) o nome do Senhor Jesus" (8.16; 19.5). A primeira está diretamente ligada a Pedro em suas duas ocorrências. De acordo com Hartman, ela exemplifica "a técnica de Lucas como autor de deixar que os personagens do seu livro falem de um modo que lhes era adequado. Assim, Pedro, o apóstolo reverenciado, expressa-se em um estilo bíblico,"¹⁸ uma vez que *en/epto onoma* é comum na Septuaginta. A segunda fórmula é usada duas vezes pelo narrador. "Em o nome" não ocorre, seja na Septuaginta ou no grego normal, senão na linguagem bancária, na qual se referia à conta ou nome no qual era colocada uma soma

de dinheiro.¹⁹

Quando procuramos averiguar o significado da expressão "batismo em nome de Jesus", vários elementos precisam ser considerados. Um deles é o uso de "nome" em Atos. O termo *onoma* ocorre aproximadamente cinquenta vezes no livro e está relacionado com Cristo mais de trinta vezes (as outras ocorrências referem-se a Deus ou a personagens humanos). A expressão "em nome" é utilizada em conexão com curas e exorcismo com o sentido de "no poder de" ou "com a autoridade de" (3.6; 4.7,10; 16.18), e em conexão com a proclamação do evangelho em face de oposição (4.17s; 5.28,40; 9.27s). Em pelo menos um exemplo a expressão tem virtualmente o sentido de "o próprio Jesus" (3.16a). Quando observamos outros exemplos, verificamos que mais comumente a palavra "nome" significa simplesmente a pessoa de Jesus (4.12,30; 5.41; 8.12; 9.16; 10.43; 19.17; 21.13).

Hartman faz uma observação importante ao comentar que "tanto no grego bíblico como nas tradições rabínicas as expressões com 'nome' podem ser um tanto frouxas e ter um peso relativamente pequeno."²⁰ Em uma discussão rabínica, pode-se passar de "em nome de x" para "em x" sem mudar o significado da expressão, à semelhança do que ocorre em Lc 21.12 e Mc 13.9b ou em At 10.43 e 13.38. Essa certamente é uma pista importante quanto ao significado de "batismo em o nome de Jesus" – é um batismo direta e intimamente relacionado com Cristo ou, nas palavras de Leenhardt citadas por Beasley-Murray, "um rito que extrai todo o seu significado da pessoa de Cristo e do relacionamento estabelecido com ele."²¹

Desde que W. Heitmüller publicou seu clássico estudo *Im Namen Jesu* em 1903, uma opinião comum entre os estudiosos tem sido de que o batismo em nome de Jesus transmite a idéia de apropriação, dedicação, submissão. A pessoa batizada era consagrada a Jesus, tendo se tornado sua propriedade. Isso está em consonância com o significado grego de *eis to onoma*, que, como foi visto anteriormente, era usado na terminologia bancária greco-helenística. Outra interpretação foi proposta por P. Billerbeck em 1922. Partindo do uso hebraico-aramaico, ele concluiu que *eis to onoma* significa "com respeito a, para o benefício de, por causa de." Eventualmente observou-se que as duas abordagens eram muito semelhantes em suas implicações, na medida que apontavam para uma condição de pertencer a Cristo ou ao Deus triúno.²² Não obstante, Beasley-Murray prefere a segunda linha de interpretação por causa de sua origem semítica e maior elasticidade de aplicação.²³

Hartman defende uma interpretação alternativa baseada nos usos do termo hebraico-aramaico *leshem* nos textos rabínicos. Ele conclui que "'em nome de Jesus' era acima de tudo uma definição, uma expressão que mencionava a referência fundamental do batismo cristão que o distinguia de outros ritos,... é muito provável que a fórmula em especial delimitasse o batismo cristão em relação ao de João."²⁴ Portanto, o batismo em nome de Jesus era um "batismo de Jesus."

Parece que a interpretação proposta por Billerbeck e apoiada por Beasley-Murray está mais de acordo com os dados bíblicos e a notória diversidade e flexibilidade típicas de Atos. O próprio Hartman admite que "implicações mais específicas da expressão provavelmente foram diferentes em diferentes épocas e lugares."²⁵ O batismo em nome de Jesus era um batismo com referência a ou por causa de Jesus, e isso certamente põe em destaque a forte ênfase cristológica associada com esse rito em todo o livro de Atos.

Essa fórmula teria sido amplamente utilizada na igreja primitiva, e certamente o foi na

comunidade de Lucas. Provavelmente umas poucas décadas depois a fórmula trinitária ou triádica (Mt 28.20) teria se tornado padrão na igreja "católica," com essencialmente o mesmo significado: batismo com referência a ou por causa do Deus triúno. No primeiro século já existia a consciência da que o batismo envolve o novo crente com o Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo. As pesquisas dos estudiosos têm demonstrado o quanto a linguagem trinitária do Novo Testamento está associada com o batismo. Todavia, essa ordenança era entendida como tendo uma associação particularmente forte com Jesus Cristo e isso explica a fórmula mais sucinta então usada.

As considerações dos parágrafos anteriores levantam outra questão interessante: O nome de Jesus era realmente mencionado na ministração do batismo? O entendimento predominante é que temos aqui uma formulação litúrgica. As palavras "em nome de Jesus" são mais que uma expressão descritiva do significado do batismo, mas eram também proferidas na cerimônia batismal. Parece que o nome de Jesus era confessado e invocado pelo candidato (At 22.16; ver Rm 10.9). À luz de Tg 2.7 também é provável que o nome fosse invocado sobre o novo crente.²⁶ Esta seria uma evidência adicional de que o batismo era por causa de Jesus Cristo e, portanto, em submissão a ele como Senhor e Rei.

Alguns estudiosos vêem um estreito paralelo entre a fórmula mais breve de Atos e algumas expressões batismais paulinas. G. W. Bromiley observa: "O traço distintivo do batismo cristão está no fato de que é ministrado *eis Christon* ou *eis to onoma Christou*."²⁷ Paulo tem ambos. O batismo em (*eis*) o nome de Cristo está implícito em 1 Co 1.13,15, onde "a negação por parte de Paulo de que os coríntios foram batizados em seu nome é uma declaração indireta de que eles foram batizados em nome de Cristo, e com certeza nele somente."²⁸ Outra referência definida é encontrada em 1 Co 6.11, onde, em clara linguagem triádica batismal, o apóstolo afirma que os coríntios haviam sido lavados, santificados e justificados em (*en*) o nome do Senhor Jesus e no Espírito de Deus. O sentido é o mesmo: "O batizado agora pertencia ao Senhor Jesus Cristo."²⁹

A outra expressão, tipicamente paulina – *eis Christon* – é encontrada em Gl 3.27 (ver Rm 6.3; 1 Co 10.2). Beasley-Murray atribui grande importância a esse verso: "Para a interpretação do batismo feita por Paulo, Gl 3.27 é significativo... Dessa noção básica resultam as outras características do batismo que ocorrem em Paulo."³⁰ Ele a considera uma abreviação de "em nome de Cristo." Obviamente, o livro de Atos não contém as noções batismais cristológicas altamente desenvolvidas que são características de Paulo. Todavia, esses paralelos são importantes e provavelmente refletem uma origem comum.

Finalmente, chegamos à consideração das passagens nas quais é encontrada a fórmula "batismo em nome de Jesus." Entendemos que a expressão é explicitamente mencionada nessas quatro passagens porque elas são pontos de transição fundamentais na vida e na missão da igreja primitiva, nos quais era especialmente necessário declarar o pleno sentido do batismo cristão.

Atos 2.38

A primeira ocasião em que se menciona o batismo em nome de Jesus é certamente singular. Segundo a narrativa, essa foi a primeira vez em que foi ministrado o batismo cristão. Era altamente importante explicitar o que significava o batismo, o que havia de novo quanto a ele. A ocasião era extremamente significativa. Era o dia de Pentecostes. De acordo com a promessa de Jesus (1.4-5), o grupo inicial de crentes (1.13-15) havia sido batizado ou revestido com o Espírito Santo. Da perspectiva de Lucas, Jesus havia

indicado claramente qual era o principal propósito da dádiva do Espírito: capacitar os discípulos para a sua missão mundial, começando em Jerusalém (1.8). No mesmo dia, o Senhor lhes deu a primeira oportunidade para testemunhar. À medida que os discípulos, movidos pelo Espírito, começaram a falar em outras línguas, uma grande multidão foi atraída pelo intrigante fenômeno. A multidão era composta de judeus palestinos e da Diáspora, bem como de gentios prosélitos e "tementes a Deus" que haviam vindo de muitas nações para celebrar a festa de Pentecostes em Jerusalém.

Pedro, o líder e porta-voz dos discípulos, aproveitou a oportunidade e proferiu uma mensagem vibrante na qual explicou os acontecimentos recentes e apresentou a Jesus. Após a sua crucificação e morte, ele havia sido ressuscitado por Deus, fato de que todos eles eram testemunhas (2.32). Esse Jesus ressurreto e exaltado havia sido declarado Senhor e Messias e derramado o Espírito Santo sobre os seus discípulos (2.33,36). Foi dito àqueles que aceitaram a mensagem (2.37,41a) que deviam arrepender-se e ser batizados em nome de Jesus Cristo. Em consequência, seus pecados seriam perdoados e eles receberiam o dom do Espírito. Esse evento assinalou a sua admissão à comunidade dos crentes (2.41-47).

O batismo não era uma novidade para essas pessoas. João estivera batizando (1.5a) e o batismo de prosélitos era uma prática comum entre os judeus. O novo elemento neste batismo é que ele foi ministrado "em nome de Jesus Cristo." Ele expressava um novo relacionamento e compromisso com o Senhor e Messias proclamado pelos primeiros discípulos. Alguns comentaristas acreditam erroneamente que as palavras de Pedro significavam simplesmente: "Sede batizados segundo a autoridade que Jesus nos conferiu."³¹ Os discípulos certamente tinham tal autoridade, mas o significado é mais profundo que esse. *Epi to onomati* (alguns manuscritos têm *en to anomati*) é coerente com o *epikalein* de Tg 2.7, onde o sentido é pronunciar o nome de alguém sobre outra pessoa.³² Como o nome de Jesus Cristo é pronunciado sobre o candidato, ele é colocado sob a autoridade de Jesus; em consequência disso, seus pecados são remidos e ele recebe o Espírito Santo.³³

Autores como J. Weiss, Jackson-Lake e Silva New questionaram a autenticidade de Atos 2.38, uma vez que a sua referência ao batismo com água parece inconsistente com a experiência dos primeiros discípulos e com as palavras de Jesus em 1.5, que implicam em um batismo no Espírito como substituto do batismo em água, não como consequência do mesmo.³⁴ Todavia, o verdadeiro contraste mostrado aqui não é entre o batismo com água e o batismo com o Espírito, mas entre o batismo de João e o batismo cristão, ou seja, batismo "em nome de Jesus."

A primeira ocorrência da expressão em Atos também é importante por ser acompanhada de virtualmente todos os elementos associados com o batismo em outras passagens: proclamação, fé, arrependimento, perdão dos pecados, o dom do Espírito e admissão à comunidade. Os únicos elementos que faltam são a imposição de mãos e o falar em línguas, os quais, em outras passagens, são respectivamente uma condição e uma consequência do dom do Espírito. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que essa primeira menção do "batismo em nome de Jesus" está diretamente associada a uma conexão trinitária mais ampla (2.32-33,38-39).

Atos 8.16

A próxima referência ao batismo em nome de Jesus também ocorre em circunstâncias peculiares. A missão da igreja primitiva havia acabado de entrar no segundo estágio prescrito por Jesus em Atos 1.8 – Judéia e Samaria (8.1). Dois elementos novos e especiais se associam: (a) Pela primeira vez em Atos, os discípulos de Jesus ingressam em território não-judaico para pregar o evangelho. Embora os samaritanos tivessem fortes ligações territoriais e raciais com os judeus, eles estavam fora do povo de Israel e experimentavam notórias dificuldades no seu relacionamento com os judeus (Jo 4.9). (b) Além disso, o primeiro missionário em Samaria não é um dos doze, mas um dos sete escolhidos para ministrar aos necessitados da comunidade de Jerusalém – Filipe, o evangelista, que não deve ser confundido com Filipe, o apóstolo (6.5; ver 1.13).

Os eventos são exatamente o que Lucas considera tão importante: Filipe prega o evangelho (8.5,12) e os samaritanos aceitam a mensagem com fé e alegria (8.8,12), sendo posteriormente batizados. Eles ouvem as boas novas sobre o nome de Jesus Cristo e então são batizados em nome do Senhor Jesus (8.12,16). O fato estranho é que eles não recebem o Espírito Santo imediatamente. Os apóstolos de Jerusalém parecem considerar isso normal. Eles enviam Pedro e João, que oram pelos convertidos, impõem as mãos sobre eles e eles recebem o Espírito.

Para Lucas, o fato de que os samaritanos não foram simplesmente batizados (v. 12), mas batizados em nome do Senhor Jesus (v. 16) certamente é significativo. Eles, que haviam estado separados dos seus vizinhos judeus, agora estavam unidos a eles através de sua conexão comum com Jesus Cristo. No seu caso, essa implicação dupla do batismo era particularmente essencial para Lucas: através do batismo em o nome de Jesus, eles estavam unidos ao Senhor e aos seus irmãos judeus na mesma comunidade de fé.

O elemento intrigante desse quadro é o fato de que, além de serem batizados, eles precisaram da imposição das mãos dos apóstolos a fim de receber o Espírito. Beasley-Murray aborda várias dificuldades levantadas pela narrativa e emite a opinião improvável de que os samaritanos haviam recebido o Espírito Santo; o que lhes faltava eram “os dons espirituais que caracterizavam a vida comum das comunidades cristãs.”³⁵ Não parece ser isto o que Lucas teve em mente ao escrever os versos 14 a 17. Antes, esse é outro exemplo de falta de uniformidade nas práticas da igreja antiga descritas em Atos. A situação era peculiar. Havia a necessidade de uma manifestação especial do Espírito Santo para tranquilizar tanto os samaritanos como os líderes em Jerusalém. F. F. Bruce observa que esta foi uma eloqüente certeza dada aos samaritanos, transmitida não por um evangelista independente como Filipe, mas pelos líderes da igreja de Jerusalém, no sentido de que eles não mais seriam tratados como forasteiros, e sim como membros fraternos da comunidade.³⁶

Os episódios que envolveram Simão (vv. 9-11,13,18-24) mostram que a questão da imposição de mãos é importante para Lucas e para a sua comunidade. Essa prática novamente é relacionada com o batismo e o dom do Espírito nas histórias de Paulo (9.17) e dos discípulos de Éfeso (19.6). A oração e a imposição de mãos também são mencionadas em conexão com o comissionamento dos sete (6.6), de Barnabé e Saulo (13.3) e de curas (28.8).

Atos 10.48

Ninguém pode questionar a tremenda importância dessa história no contexto geral de

Atos. Ela ilustra claramente o desafio mais importante enfrentado pela igreja primitiva: a inclusão dos gentios em uma comunidade de discípulos que, a essa altura, era quase inteiramente judaica.

Haenchen argumenta que Lucas está se debatendo, desde a primeira página até a última (1.8—28.28), com o problema da missão aos gentios sem a lei.³⁷ Em Lucas-Atos, o cristianismo (“o caminho”) não é uma religião que acabou de começar; é a antiga religião que se origina na lei e nos profetas, encontra expressão plena no ministério de Jesus e continua na igreja. Assim, em Atos, os líderes da missão cristã, longe de abandonarem a sua fé judaica, de fato apegam-se a ela, mas “Deus inequivoca e irresistivelmente os guia na missão aos gentios.”³⁸

Para Lucas, esse episódio é tão importante que ele o narra duas vezes: após a narrativa detalhada do capítulo 10, Pedro relembra os principais fatos no capítulo seguinte. Aqui o evangelho está sendo pregado pela primeira vez aos gentios por um dos doze – não qualquer um, mas Pedro, o líder dos apóstolos. Esse é um marco na missão cristã, pois agora “também os gentios haviam recebido a palavra de Deus” (11.1b). A narrativa é cheia de ocorrências sobrenaturais. Para Lucas, Deus claramente tem o pleno controle dos eventos. Deus supera todos os preconceitos do coração de Pedro e o compele a anunciar o evangelho a um numeroso grupo reunido na casa de Cornélio (10.24). No momento decisivo, quando Pedro está declarando que todo o que crê em Jesus recebe perdão de pecados através do seu nome (v. 43b), o Espírito Santo cai sobre os ouvintes, que então falam em línguas e posteriormente são batizados em nome de Jesus.

A narrativa acentua a importância atribuída ao batismo. Seria natural supor, especialmente à luz de 11.15-16, que tão poderosa manifestação do poder de Deus nas vidas daqueles gentios, concedendo-lhes o dom do Espírito, tornaria desnecessário o batismo com água. Não haviam eles recebido a bênção maior independentemente do batismo? O que é excepcional, todavia, não é a ministração do batismo em nome de Jesus àquelas pessoas. Para Lucas, isso devia ser esperado, particularmente nessa ocasião histórica em que os gentios pela primeira vez foram admitidos à igreja pela instrumentalidade de um apóstolo. Lucas quer deixar isso claro: os crentes gentios têm direito à plena filiação à comunidade, tanto quanto os seus irmãos e irmãs judeus. Isso só é possível por causa da sua comunhão em Jesus Cristo e do seu compromisso com ele, proclamados em seu batismo.

O que é de fato excepcional nesse episódio é a concessão do Espírito Santo antes do batismo com água. Em nenhum outro lugar do livro se registra evento semelhante. Esse é mais um exemplo do papel central desempenhado em Atos pelo Espírito Santo, em conexão com a vida e a missão da igreja primitiva. É somente o ministério do Espírito que torna possível a missão aos gentios. O que vemos aqui é “uma intervenção divina numa situação altamente significativa, ensinando que os gentios podiam ser admitidos à igreja pelo batismo, mesmo sem ter removido a sua impureza através da circuncisão e de sacrifícios.”³⁹

Atos 19.5

A última referência ao batismo em nome de Jesus novamente é encontrada na narrativa de um episódio muito excepcional. O avanço da missão cristã registrado por Lucas já está em meio à sua terceira etapa (“até os confins da terra”). Jerusalém, Judéia e Samaria não mais são o ponto focal; Pedro e os onze saíram de cena completamente. O contexto é o início do ministério de Paulo em Éfeso, durante a sua terceira investida missionária na

Ásia Menor.

As referências ao batismo de João em 18.25 e 19.3-4 estabelecem uma conexão entre as histórias de Apolo e dos "discípulos" de Éfeso, embora certamente as diferenças sejam mais notáveis que as semelhanças. Beasley-Murray observa que naqueles dias provavelmente havia grupos de pessoas batizadas por seguidores de João Batista que se achavam em diferentes graus de distância da igreja cristã.⁴⁰ De qualquer modo, as situações de Apolo e dos discípulos de Éfeso não devem ser identificadas.

A coisa intrigante acerca de Apolo é a imagem de um homem que era um seguidor e proclamador de Jesus Cristo, mas aparentemente não havia sido batizado em nome de Jesus nem havia recebido o Espírito Santo. O verso 25 sugere que ele pode ter sido um discípulo de João que uniu-se à comunidade cristã e tornou-se um pregador do evangelho. É improvável que ele fosse recebido pela igreja como irmão e obreiro cristão se não houvesse a certeza de que tinha o Espírito Santo. Lucas parece pressupor isso, pois seria inconcebível pensar em um evangelista cristão sem o Espírito.

A expressão *to pneumati zeontes* pode ser entendida como uma referência ao fato de ele ter o Espírito, especialmente por estar entre uma cláusula que descreve Apolo como versado no evangelho e outra que declara que ele o pregava. Uma vez que Apolo pode ter tido ligações com um grupo cristão periférico, como a sua ignorância do batismo cristão parece indicar, a sua fé é colocada em sintonia com o que Lucas considera o cristianismo majoritário.⁴¹ Isso irá permitir que ele se torne um figura de destaque nos círculos paulinos (At 18.27; 1 Co 1.12; 3.5-6,22). Assim, a sua experiência se assemelha à dos 120 discípulos originais, embora ele não fosse uma testemunha da ressurreição. Por outro lado, o silêncio do texto não prova que Apolo não foi batizado após ter sido instruído por Priscila e Áqüila. Se o foi, é surpreendente que isso não seja mencionado.

A situação dos efésios do capítulo 19 é muito diferente. A sua conexão com Jesus parece ter sido muito mais tênue. Por um lado, eles são descritos como "discípulos," palavra que em todas as suas outras trinta ocorrências em Atos designa seguidores de Jesus Cristo. Eles também são descritos como tendo se tornado crentes, presumivelmente em Jesus (v. 2). Por outro lado, eles não possuem qualquer conhecimento do batismo cristão e do Espírito Santo, e o seu conhecimento do evangelho é muitíssimo limitado (vv. 2b-4). Aos olhos de Paulo, esses homens não são cristãos. Após ouvirem o evangelho, eles são batizados em nome do Senhor Jesus, de modo que, de agora em diante, a sua nova conexão com Cristo e o seu compromisso com ele se tornam explícitos. A sua recepção do Espírito Santo através da imposição de mãos de Paulo e os dons audíveis de glossolalia e profecia servem como uma confirmação adicional a eles e aos outros de sua nova posição em Cristo. Marshall observa que esse é o único caso registrado no Novo Testamento de pessoas que receberam um segundo batismo.⁴²

Conclusão

Essas duas últimas passagens, e especialmente as perguntas de Paulo em 19.2-3, confirmam as afirmações feitas pela igreja primitiva acerca do Espírito Santo e do batismo: ninguém pode ser um genuíno crente em Jesus Cristo sem receber o Espírito Santo; a dádiva do Espírito é geralmente, mas não exclusivamente, concedida através do batismo; o batismo cristão, em contraste com o batismo de João, é realizado em nome de

Jesus. Lucas confirma esses pressupostos básicos, mas também registra fielmente algumas notáveis exceções à norma. É precisamente nesses casos excepcionais que Lucas inclui três das suas quatro referências ao batismo em nome de Jesus (8.16; 10.48; 19.5). A ordem e o número dos eventos associados com o batismo podem variar, mas o batismo cristão é sempre um batismo em nome de Jesus. Beasley-Murray sintetiza o assunto de maneira apropriada:

Veza após veza tivemos a oportunidade de lembrar que o batismo cristão é um batismo em nome do Senhor Jesus; nele o nome do Senhor é invocado sobre o batizando, declarando que ele pertence ao Senhor, e o nome é confessado e invocado pelo batizando. É esse relacionamento confesso com o Redentor crucificado e ressurreto que constitui o batismo cristão e é decisivo para o seu significado.⁴³

Nas décadas iniciais do movimento cristão era natural que o batismo fosse ministrado em nome de Jesus, uma vez que a pessoa e obra de Jesus eram as principais fontes da identidade do movimento e o principal enfoque da sua missão. Eventualmente, à medida que o cristianismo penetrou mais amplamente no mundo gentílico, também tornou-se necessário que os novos convertidos expressassem o seu compromisso com o Deus cristão, o Pai, quando renunciavam aos seus antigos deuses. Além disso, desde o início o Espírito Santo teve a associação mais íntima possível com Jesus, com o batismo e com a igreja. Os cristãos tinham a convicção de um relacionamento especial com três: o Pai, Jesus e o Espírito. No final do primeiro século ou no início do segundo, a fórmula ensinada por Jesus e preservada no final do Evangelho de Mateus tornou-se a maneira usual de expressar essa tríplice conexão: batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

* O autor é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, mestre em Novo Testamento (S.T.M., Andover Newton Theological School, Newton Centre, EUA) e doutor em História da Igreja (Th.D., Boston University School of Theology, EUA). É professor de História da Igreja no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e na Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É um dos editores de *Fides Reformata*.

¹ T.M. Lindsay, "Baptism," em Geoffrey W. Bromiley, ed., *The International Standard Bible Encyclopedia* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 421-22.

² I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary. Tyndale New Testament Commentaries* (Leicester, Inglaterra: InterVarsity, 1980), 48; F.F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. rev. e aum. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 18.

³ Eduard Lohse, *Introducción al Nuevo Testamento* (Madri: Cristiandad, 1975), 176; Hans Conzelmann, *Acts of the Apostles*, Série Hermeneia (Filadélfia: Fortress, 1987), xxxiii.

⁴ William Barclay, *The Acts of the Apostles*, The Daily Study Bible, 2ª ed. (Edimburgo: Saint Andrew, 1955), xvii. Evidentemente isto não significa que o evangelho chegou a Roma com Paulo. É um fato bem conhecido que a igreja de Roma havia surgido muito antes da visita de Paulo àquela cidade. Tanto é que o apóstolo escreveu a epístola aos

Romanos justamente para apresentar-se àquela igreja.

⁵ Gordon D. Fee e Douglas Stuart, *How to Read the Bible for All its Worth: A Guide to Understanding the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1982), 92. Edição em português: *Entendes o Que Lês? Um Guia para Entender a Bíblia com o Auxílio da Exegese e da Hermenêutica* (São Paulo: Vida Nova, 1984), 85.

⁶ Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary* (Filadélfia: Westminster, 1971), 96.

⁷ Bruce, *The Acts of the Apostles, 22-27*; Conzelmann, *Acts of the Apostles*, xlvi.

⁸ Barclay, *The Acts of the Apostles*, xv.

⁹ Marshall, *The Acts of the Apostles*, 25.

¹⁰ *Ibid.*, 32.

¹¹ Fee e Stuart, *How to Read the Bible*, 92.

¹² G.R. Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), 97.

¹³ David N. Freedman, ed., *The Anchor Bible Dictionary* (Nova York: Doubleday, 1992), s.v. "Baptism", por Lars Hartman.

¹⁴ No caso de Paulo, não está inteiramente claro se recebeu o Espírito Santo antes ou depois do batismo. É mais provável que tenha sido antes. A passagem paralela de 22.13,16 não ajuda a esclarecer a questão.

¹⁵ Apud W.F. Flemington, *The New Testament Doctrine of Baptism* (Londres: SPCK, 1953), 38.

¹⁶ Colin Brown, ed., *The New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1975), s.v. "Baptism," por G.R. Beasley-Murray.

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ Lars Hartman, "'Into the Name of Jesus': A Suggestion Concerning the Earliest Meaning of the Phrase," *New Testament Studies* 20 (1974): 432-440, 586.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Ibid.*

²¹ Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, 100.

²² *Ibid.*, 101; Hartman, "Into the Name of Jesus," 433.

- ²³ Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, 100.
- ²⁴ Hartman, "Into the Name of Jesus," 440.
- ²⁵ Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, 586.
- ²⁶ Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, 100.
- ²⁷ Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, trad. ed. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), s.v. "Bapto, Baptizo...," por A. Oepke, 539.
- ²⁸ Rudolf Schnackenburg, *Baptism in the Thought of St. Paul* (Oxford: Basil Blackwell, 1964), 18.
- ²⁹ Y.B. Tremel, "Baptism: The Incorporation of the Christian into Christ," em *Baptism in the New Testament: A Symposium*, ed. A. George et al. (Baltimore: Helicon, 1964), 190.
- ³⁰ Brown, *New International Dictionary of New Testament Theology*, 146.
- ³¹ John Hargreaves, *A Guide to Acts* (Londres: SPCK, 1990), 36; David John Williams, *Acts* (San Francisco: Harper & Row, 1985), 41.
- ³² Conzelmann, *Acts of the Apostles*, 22.
- ³³ Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, 184.
- ³⁴ Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, 94.
- ³⁵ Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, 119.
- ³⁶ F.F. Bruce, *The Acts of the Apostles*, 221.
- ³⁷ Haenchen, *The Acts of the Apostles*, 100.
- ³⁸ *Ibid.*
- ³⁹ Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, 108.
- ⁴⁰ *Ibid.*
- ⁴¹ Bruce, *The Acts of the Apostles*, 403.
- ⁴² Marshall, *The Acts of the Apostles*, 307.
- ⁴³ Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, 120.